Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: representações do espaço vivido no contexto indígena

Geni Martins Mesquita
geni_mesquita@hotmail.com

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora da Rede Municipal de Ensino de Aquidauana/MS.

Eva Teixeira dos Santos
eva.teixeira@ufms.br

Doutora em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMS, Campus de Aquidauana/MS.

RESUMO

Muitas atividades desenvolvidas nas escolas indígenas nem sempre vêm a público, como uma forma de partilhar seus trabalhos, anseios e conquistas, demonstrando melhoria na qualidade de estudos do alunado em geral. O espaço geográfico muda constantemente, através dos ideais de transformações de cada ser humano, em determinados períodos do tempo. Desta forma, pensou-se na utilização dos mapas mentais como forma metodológica para melhorar o desempenho desses alunos na representação do lugar vivido e percebido, levando em conta o seu significado no ensino a partir de abordagens da Geografia. Com base no uso dos mapas mentais, como representações livres, mas orientadas pelos docentes voltadas a inserção, reflexão e leituras espaciais trabalhadas em uma escola indígena, esse trabalho procura investigar as potencialidades e limitações do recurso do mapa mental para o ensino e aprendizagem de geografia. Foram desenvolvidas atividades teóricas, com conteúdos contidos no referencial curricular de Geografia, e práticas (campo) com a finalidade de motivar, apresentar, construir e refletir noções conceituais e habilidades com os alunos. Assim, verificou-se que os mapas mentais confeccionados pelos alunos foram importantes no entendimento da matéria estudada e na própria confecção, interagindo uns com os outros, e na oralidade, com a apresentação dos trabalhos.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Geografia, Mapas Mentais, Estudantes Indígenas

MIND MAPS CONSTRUCTION IN GEOGRAPHY EDUCATION: representations of the experienced space in the native context

ABSTRACT

Many of the activities developed within native schools does not come to the public attention as a means of sharing projects, yearnings and achievements which would show improvement of the studies quality. The geographic space is continuously changing through each human being ideals transformation, in certain periods of time. Therefore, mind maps are used as an approach to enhance the student's performance when representing their lived and realized places, considering its meaning from the Geography perspective. Based on mind maps usage as free representation, although guided by teachers, seeking inclusion, reflection and spatial readings worked in a native school, this paper aims to analyse potential and constraints when using mind maps to study geography with sixth grade students of elementary school. Alongside mind maps, theoretical activities were developed using contents of the Geography curriculum standards, as well as practices (field work) aiming to motivate, to introduce, to build and to reflect upon concepts and abilities with the students. Thus, it was observed that mind maps produced by students were important to understand the studied subject and in the production itself, interacting with each other and orally, when presenting their works.

KEYWORDS

Geography Teaching, Mind Maps, Native Students

Introdução

Como educadores é importante não confundir o termo informação com conhecimento, pois embora, andem juntos, não são palavras sinônimas. As informações são fatos, expressões, opiniões, que chegam as pessoas por ilimitados meios sem que se saibam os efeitos que acarretam. O conhecimento é a compreensão da procedência da informação, de sua estrutura e dinâmica própria, exigindo para isso certo grau de racionalidade. A apropriação do conhecimento é feita através da construção de conceitos, que possibilitam a leitura crítica da informação, processo necessário para absorção da liberdade e autonomia mental. Assim sendo Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009 p. 261-262) argumentam sobre o papel desempenhado pela escola:

> A escola, nesse contexto, cumpre papel importante ao apropriar-se das várias modalidades de linguagens como instrumento de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam também novas formas de aprender.

Ainda, segundo Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 292) a utilização das representações espaciais como instrumento para aprender e compreender a organização do espaço tem sua origem na geografia humanista. Nessa busca constante por melhores maneiras de se estudar a Geografia fazendo com que o aluno se interesse pela leitura, propôs-se a utilização dos mapas mentais como forma metodológica para se trabalhar temas que estão contidos nos currículos como regra geral.

Assim, o trabalho teve como objetivo geral: analisar o potencial do trabalho das metodologias ativas e, neste contexto, os mapas mentais, no ensino de geografia para o aluno do 6º Ano do ensino fundamental em uma Escola Indígena do Município de Aquidauana – MS; e como objetivos específicos: propor atividades que permitam aos alunos desenvolver habilidades e noções conceituais através do desenvolvimento de mapas mentais; produzir mapas mentais, a partir dos temas contidos no referencial curricular de Geografia e que possam auxiliar e melhorar o aprendizado nas aulas de Geografia.

Para tanto, o trabalho pautou-se em referencial teórico com temas relacionados a cultura indígena, o contexto da educação indígena, espaço habitado e vivido e mapas mentais.

Assim, a permanente construção de sociabilidades entre as comunidades indígenas pode se colocar como um importante dado para a leitura das representações e percepções de espaço e de ambiente. Para Vargas (2008, p. 95), "os traços socioculturais que ligam o Terena à tradição cultural dos povos Aruaque são: agricultura como base da economia; a estrutura social fortemente patrilinear e a abertura da sociedade para o exterior".

Segundo Vargas (2008, p. 112):

> Finalmente, as características ainda vivas e a memória a ser recuperada pelos Terena, desde a língua até as atividades econômicas hoje mais degradadas, podem ser a melhor fonte para os interessados possam pensar um projeto educacional fundado no respeito humano e ambiental.

As famílias Terenas vivem da agricultura, mas não conseguem ter dela uma renda mínima necessária para manter, durante todo o ano, o seu grupo comunitário. Para que suas roças sejam bem-sucedidas, é necessário que as lideranças e órgãos públicos mantenham-se aliados para que sempre estejam à disposição da comunidade: tratores em condições de uso, sementes para o plantio e o diesel.

Segundo relatos de Bergamaschi (2012 p. 8) cada "índio" pertence a um povo, identificado por uma denominação própria, como Guarani, Charrua e Kaigang, etnias indígenas que vivem no Rio Grande do Sul. As populações vivem próximas e, em alguns casos, estão inseridos na sociedade não-indígena. É o caso das Terras Indígenas Taunay-Ipegue, que abrange o Distrito de Taunay e as Aldeias Imbirussu, Água Branca, Lagoinha, Bananal, Colônia Nova e Ipegue, e Limão Verde, que se encontram situadas dentro do limite do Município de Aquidauana.

Para Souza (2012, p.18) "desde a Constituição Federal de 1988, os direitos originários foram consolidados de maneira especial no novo enquadramento pluriétnico e intercultural da sociedade brasileira". Passaram a ser reconhecidos como seres autônomos, com total capacidade de delimitar o respeito a seus valores e interesse sociais e culturais específicos. Mesmo movendo inúmeras batalhas em busca de sua autodeterminação, os laços coloniais ainda se fazem presentes no cotidiano de muitas dessas populações, muitas vezes, no seio da própria comunidade indígena, instigados pelo poder. Promove-se, com isso, a representação dos povos originários como meros objetos do passado e, que um dia, irão desaparecer e, com isso, tem-se a redução dos sonhos e esperanças do um povo que há anos fazem parte destas terras.

Desta forma, o interesse por novas metodologias de ensino para as aulas de Geografia propicia o sentido voltado para um modelo mais prático e abrangente da realidade dos alunos das escolas indígenas. E a partir da geografia, intercalar conhecimentos próprios com os conhecimentos específicos de cada matéria, interagindo uma disciplina com as demais. Desde o início das discussões sobre a melhor escola para as comunidades indígenas, muito se tem questionado sobre as diferenças da educação indígena e educação escolar indígena. A educação indígena não se encerra na escola, vai muito além dos portões escolares, ainda mais em uma comunidade bilíngue (que fala o português e a língua materna, o Terena).

Segundo Magalhães Neto (2013, p. 83):

> A educação indígena se destaca como uma educação diferenciada, que é ao mesmo tempo, elaborada pelos próprios índios e reelaborada pelo governo junto aos povos indígenas, em um esforço para entender a realidade das comunidades tradicionais, incluindo suas culturas, a partir de suas concepções sobre aspectos da realidade coletiva e acerca de suas imagens de mundo.

A Constituição Federal de 1988, afirma que a educação é um direito público subjetivo, sendo responsabilidade do Estado a sua oferta gratuita. Como afirma Bonin (2012, p. 36):

> O poder público não pode se furtar da responsabilidade da oferta educacional gratuita, inclusive às comunidades indígenas, para as quais a Lei assegura, também um tratamento diferenciado, admitindo que a educação é um processo que ocorre de modos distintos e por meio de pedagogias e instituições próprias em cada cultura [...].

Devem ser levados em conta que a realidade de cada espaço ocupado, vivido e percebido pelo ser humano sofre as transformações para que tal comunidade possa estar inserida naquele contexto. Pensando nisso, alguns projetos acabam sendo construídos para melhor atender as pessoas que estão fora do alcance de suas relações com a comunidade local. Seja como participante ativo do conhecimento do próprio lugar ou até mesmo para passá-los a sua comunidade escolar. Informações que são propagados para os mais jovens em determinados locais pelos anciãos, como por exemplo, a língua falada, as comidas típicas, as danças, os remédios, etc.

Uma das conquistas mais recentes em se tratando de educação escolar indígena foi à criação do Projeto Povos do Pantanal, que se implantou na UFMS, Campus de Aquidauana em 2010 e a partir de 2011 com a primeira turma. Esse projeto busca a formação de professores indígenas para atuarem na educação básica em suas comunidades, e oferecer uma formação de licenciatura a partir de uma perspectiva intercultural.

Meira (2016, p. 30) afirma que:

> Entre as conquistas obtidas para a educação escolar indígena a partir do etnoterritório Povos do Pantanal, merece destaque a implantação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena "Povos do Pantanal" na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Aquidauana, implantado em 2010, com ingresso da primeira turma em 2011. O curso denominado de Projeto de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal tem por meta atender o contexto das etnias: Atikum, Ofaié, Kinikinau, Kadiwéu, Guató e Terena.

O principal elemento que deve estar presente em uma cultura é a língua. Muitos alunos atualmente não falam, mas tem seus motivos, como a preocupação que os pais tinham quando seus filhos fossem para as cidades, não saberiam falar o português. Nos últimos anos está presente nas escolas o ensino da língua materna tanto nos anos iniciais como finais do ensino fundamental, como forma de preservá-la.

No que se refere ao espaço vivido e habitado, para Santos (1988, p. 14) "o fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado''.

Na base do pensamento em como ensinar a Geografia de maneira mais dinâmica possível em sala de aula existe a necessidade de saber a importância que a escola tem

para todas as pessoas de um modo geral. Sua importância como espaço vivido e habitado por pessoas que agregam valores. Levando-se em conta que é um lugar do saber, aprender e compreender, considerando todos os conhecimentos advindos de fora dessa instituição, tanto por parte dos alunos, dos professores e da comunidade em que está inserida. E que de acordo com Resende (1996, p. 36):

> Propõe um novo ensino alternativo de geografia crítica para alunos das camadas populares, tomando como ponto de partida, no ato de ensinar, o saber que o aluno trabalhador traz consigo e sua história de vida, numa relação dialética entre a realidade e o conhecimento. Por isso, critica com fundamento, a concepção tradicional positivista do espaço e aponta direções para o ensino de uma Geografia em que o aluno é visto, não como objeto, mas como sujeito do processo ensino-aprendizagem.

Richter (2011, p. 16) argumenta que "como qualquer outro campo científico que faz parte dos saberes curriculares da escola, essa disciplina busca proporcionar ao aluno um novo olhar sobre o seu contexto sociocultural". E para a Geografia, esse olhar está relacionado ao estudo do espaço, é o mesmo vivenciado ao longo de sua vida, transformando de acordo com suas necessidades básicas, ainda mais se for um local pequeno como uma aldeia por exemplo.

As transformações ocorridas no tempo e no espaço no decorrer dos anos acontecem devido às múltiplas transformações causadas pelo homem. Em sua infinita vontade de adequar esse espaço as suas necessidades essenciais o homem acaba modificando-o através do seu trabalho. E segundo Claval (2010 p. 19) "todas as sociedades para viver dispõem, por conseguinte, de métodos graças aos quais os seus membros conseguem localizar, reconhecer e se dirigir aos seus destinos".

Sendo assim, no contexto da educação indígena, também não será diferente, uma vez que as especificidades das escolas e vivências precisam ser consideradas.

Em relação ao uso de mapas mentais, podem ser utilizados como ferramenta de gerenciamento de informações e desenvolvimento de habilidades cognitivas dos alunos como, por exemplo: análise, comparação, organização, memorização e criação de determinados assuntos abordados na Geografia. Com certeza essa metodologia de trabalhar alguns assuntos da Geografia irá enriquecer de forma grandiosa a compreensão do aluno, e ao mesmo tempo passa a ser um aluno pesquisador.

Segundo Richter (2011, p. 110):

> No trabalho didático-pedagógico das séries iniciais do ensino fundamental, o lugar e a paisagem são os conceitos centrais para o desenvolvimento de diversas atividades escolares. Isso também é recorrente nas séries finais do ensino fundamental, porém ocorre nessa última fase a colaboração de uma ampliação

> da análise espacial do lugar para contextos mais regionais e globais – totalizantes.

Para Kozel (2007, p. 117), "o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências". Esse espaço passa a ser representativo para quem o construiu, nem sempre serão elaborados pelos estudantes, mas quando os são visualiza-se particularidades que só o aluno percebeu.

Almeida (2015, p. 22) aponta para a ideia de que "pensamos que além da aquisição do conhecimento e habilidades, os mapas mentais possibilitam construir atitudes, valores, virtudes assentadas na solidariedade humana e tolerância ao próximo constituindo sua identidade e a formação da cidadania". O aluno passa a interagir com o conceito que ele tem de mundo constituído e vivido, buscando sempre estar em busca de novos conhecimentos utilizando meios diferenciados, mas seguros para entender sua realidade.

Os mapas mentais como metodologia de ensino, dependendo do espaço vivido e habitado, passa a ter uma estrutura diferenciada. A concepção e o tratamento dado, por exemplo, a natureza em relação a povos indígenas e não indígenas são diferenciadas. Ainda conforme Kozel (2007, p. 125):

> Sendo assim entendemos o mapa mental enquanto linguagem privilegiada para a comunicação dos aspectos constitutivos do espaço vivido e percebido pelo aluno. O mapa mental é, sob esta ótica, um instrumento que confere ao professor os elementos necessários para trabalhar, de forma concreta, a organização mental dos aspectos eleitos como importante no espaço vivido cotidianamente pelo grupo que constitui o universo de alunos de uma sala de aula.

Não existem somente mapas mentais como forma de metodologia. Há também as metodologias Ativas que podem ser amplamente exercitadas no âmbito escolar, o que permite ser eficazes no momento em que solucionam algumas dificuldades encontradas no ambiente escolar. De acordo com Moraes e Castellar (2018 p. 423):

> Há algum tempo se discute, em documentos oficiais – a exemplo das orientações curriculares de Estados e Municípios brasileiros, e mesmo em orientações internacionais -, a necessidade de se pensar em uma organização do ensino que estimule mais os alunos a aprender, algumas dessas modalidades fazem parte do que chamamos de "metodologias ativas".

Segundo Beuren (2017 p. 31), "as metodologias ativas de ensino são: estudo de caso; processo incidente; métodos de projetos; pesquisa científica; aprendizagem

baseada em problemas; metodologia da problematização com o arco de Maguerez". São diferentes na essência, mas que depende muito do conteúdo estudado.

Para Moraes e Castellar (2018 p. 424):

> Quando tratamos de metodologias ativas, estamos afirmando que o ensino por investigação, o uso de tecnologias, do teatro, a aprendizagem por problemas, o trabalho de campo, as aulas cooperativas – apenas para citar alguns exemplos do que é considerado metodologia ativa – colocam os alunos em destaque no processo de aquisição de conhecimento.

As metodologias ativas devem ocupar lugar de destaque, quando o assunto se refere ao ensino de Geografia para poder compreender os problemas socioespaciais conflituosos em relação ao homem e natureza, sendo uma delas os mapas mentais.

Neste sentido, a subjetividade é considerada fundamental para a construção dos mapas mentais, relevando as experiências através dos sentidos e vivências do indivíduo. Nesse sentido, o educando é valorizado como protagonista no processo de ensino aprendizagem, na medida em que seus saberes são valorizados. No trato ao conceito do que aqui denominamos de mapas mentais, Pontuschka (2009) alega que:

> As cartas mentais são instrumentos eficazes para compreender os valores que os indivíduos atribuem aos diferentes lugares. O espaço vivido é o conjunto dos lugares de vida de um indivíduo. A casa, o lugar do trabalho, o itinerário de um ao outro local, formam os componentes principais do espaço vivido (PONTUSCHKA, 2009, p. 314).

Assim, a autora destaca a importância dos "lugares" em que o indivíduo vive, apontando-os como principais componentes na formação do imaginário espaço-cultural do mesmo, nesse sentido os mapas mentais estariam imbuídos de informações desse conjunto de "lugares", o que a autora denomina de espaço vivido, termo adotado neste trabalho.

Procedimentos metodológicos

A Aldeia Lagoinha, escolhida para a realização do trabalho se localiza no Município de Aquidauana, distrito denominado Taunay. A figura 01 demonstra a localização das sete Aldeias existentes no Distrito: Água Branca, Imbirussu, Morrinho, Lagoinha, Bananal, Ipegue e Colônia Nova, sendo todas elas habitadas por indígenas da etnia Terena. As aldeias mais antigas são a Ipegue e Bananal, da qual originaram-se as

demais, em razão do crescimento da população que estava em busca de novas terras para fazer aumentar as áreas de plantio para subsistência e comercialização.

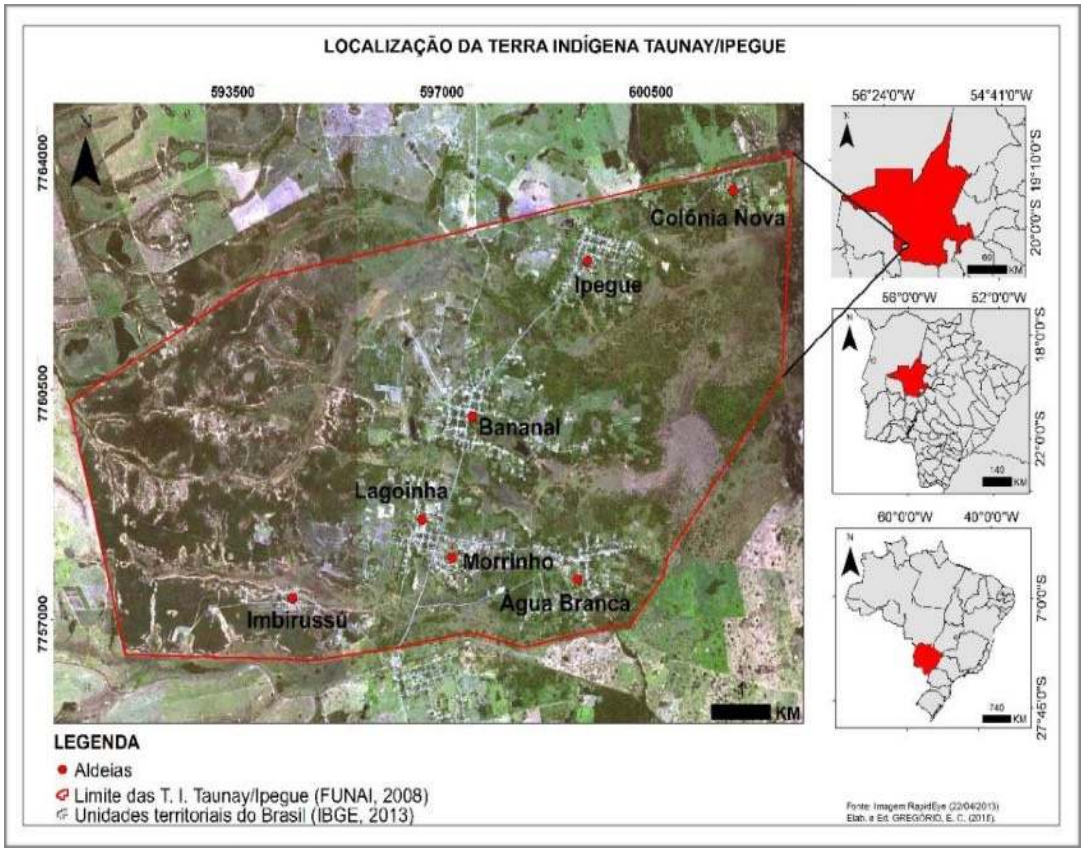

Figura 01: Localização das Aldeias no Distrito de Taunay.
Fonte: Gregório, 2016

O trabalho foi desenvolvido com turmas de sexto ano da Escola Municipal Indígena Marcolina Lili (Figura 02). Considerando o entendimento e apreensão dos alunos em relação ao conteúdo de Geografia no ambiente escolar, as pesquisas: documental, bibliográfica e de campo foram realizadas no segundo semestre do ano de 2017 e no primeiro semestre de 2018. Ressalta-se que as questões da pesquisa surgiram do encontro da vivência como professora de geografia, nos anos finais do ensino fundamental na referida escola indígena, por mais de dez anos e a oportunidade de aplicação da metodologia dos mapas mentais, apresentada por Kozel (2007) e a qual resulta das interlocuções com a geografia fenomenológica de Eric Dardel (2011). Esta favorece a compreensão de geograficidade que, entre outros itens, discute: a noção de distância (longe, perto, dentro, fora); a questão da afetividade, dos laços afetivos; as ações.



Figura 02: Escola Municipal Indígena Marcolino Lili – Aldeia Lagoinha
Fonte: Acervo pessoal, 2018

Nas aulas teóricas em sala de aula foram selecionados e trabalhados dentre os conteúdos referentes ao currículo de Geografia, aqueles que apresentaram mais possibilidades para a aplicação da metodologia dos mapas mentais: Vegetação e Localização do objeto em estudo (escola), Paisagem Natural e Cultural, Organização do espaço (lugar) de moradia. Neste contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) mencionam que:

> Quando se estuda a paisagem local, deve-se procurar estabelecer relações com outras paisagens e lugares distantes no tempo e no espaço, para que elementos de comparação possam ser utilizados na busca de semelhanças e diferenças, permanências e transformações, explicações para os fenômenos que aí se encontram presentes. Inicia-se, assim, um processo de compreensão mais ampla das noções de posição, sítio, fronteira e extensão, que caracterizam a paisagem local e as paisagens de forma geral (BRASIL, 2001, p. 127)

Com a finalidade de reforçar os conteúdos trabalhados em sala de aula, realizou-se uma aula de campo. Os alunos levaram materiais para anotações que julgaram necessárias (caderno para apontamentos, caneta, lápis, borracha; celular da professora para que registrassem aspectos importantes na visão dos alunos). Nesta saída a campo os alunos conseguiram identificar algumas espécies da vegetação existente nas proximidades, dando nomes a cada uma, reconhecendo que existem as nativas, observando também que muitas delas já não são nativas, e que o homem ao longo dos anos foi substituindo por árvores frutíferas, plantações de roça, ou até mesmo criação de gado, modificando assim a paisagem.

O trabalho prático foi dividido em três produções de mapas mentais diferenciados, mas relacionados entre si: o primeiro conjunto de mapas mentais surgiu da consonância dos estudos do texto sobre Vegetação e Localização Espacial (A), com o objeto em estudo, a Escola Municipal Indígena Marcolino Lili e o que há em seu entorno, tipos de vegetação, por exemplo. O segundo conjunto de mapas mentais relacionou-se aos dois tipos de paisagens, Naturais e Culturais (B), no entendimento dos alunos em relação ao que existe no campo e na cidade, fazendo sua diferenciação. O terceiro conjunto de mapas mentais abordou questões relacionadas ao lugar a que pertence cada aluno, isto é, como estavam distribuídos os elementos visuais em seu quintal, o seu local de moradia, ou seja, Organização do Espaço (C).

Trabalharam-se primeiramente os conteúdos teóricos relacionados à localização espacial da escola e os tipos de vegetação existentes na localidade em estudo, a Aldeia Lagoinha. No trabalho de campo foram observados como e onde estava localizada a escola, seu formato, cores e representações. Observou-se que tipo de vegetação existia nos locais mais próximos à escola e que eram predominantes na área da Aldeia, identificando-se como vegetação predominante as espécies do Cerrado. Os alunos tiraram fotos da vegetação local, utilizando o celular da Professora pesquisadora. Explicitou-se aos alunos a relação entre o clima e a vegetação, referindo-se à vegetação que predomina na Aldeia. Na sequência, ao voltar à sala de aula, os alunos passaram a produzir os mapas mentais sobre o que tinha sido observado em relação ao espaço, localização e estrutura da escola e o que existia em seu entorno, além de utilizarem a oralidade para explicar o que tinham desenhado. Neste sentido, de acordo com BRASIL (2001, p. 129):

> A imagem como representação também pode estar presente. Desenhar é uma maneira de se expressar característica desse segmento da escolaridade e um procedimento de registro utilizado pela própria geografia. Além disso, é uma forma interessante de propor que os alunos comecem a utilizar mais objetivamente as noções de proporção, distância e direção, fundamentais para a compreensão e uso de linguagens cartográficas.

O tema proposto para o momento seguinte foi o de trabalhar com paisagens naturais e culturais, lembrando aos alunos que na atividade de campo anterior já haviam observado os locais na Aldeia onde existiam só paisagem natural ou artificial e as construções existentes. E de acordo com Lucci; Branco (2015, p. 13) "para a geografia, paisagem é tudo aquilo que nossa visão alcança em determinado momento". As paisagens podem ser naturais, em que há somente elementos não alterados pela ação do

ser humano; e paisagens culturais, que são aquelas transformadas pelo ser humano. E segundo BRASIL (2001 p. 153) "a leitura de paisagens pode ocorrer de forma direta – mediante a observação da paisagem de um lugar que os alunos visitaram – ou de forma indireta – por meio de fotografias, da literatura, de vídeos, de relatos". O passo seguinte foi o de confecção dos mapas mentais referente a esse tema pelos alunos.

Segundo Lucci; Branco (2015, p. 13) "as paisagens são compostas de diversos elementos, podendo ser naturais ou artificiais ou culturais". Ao longo do tempo os elementos naturais vão ficando no passado, sendo alteradas pela ação dos seres humanos.

O terceiro conteúdo trabalhado foi sobre a organização espacial (lugar de moradia). A sugestão dos alunos foi abordar como estava organizado o espaço (quintal) onde eles moraram e como estavam distribuídos os elementos naturais e culturais. Cada aluno optou em fazer um mapa mental relacionado ao espaço de sua vivência, ou seja, a sua moradia e entorno. Segundo o Estatuto da Criança e Adolescente o art. 58 do capítulo IV, do direito à educação, a cultura, ao esporte e ao lazer "No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso a fontes de cultura" (BRASIL, 1990, p. 49). De acordo com Lucci; Branco (2015, p. 21):

> O lugar é onde as pessoas moram, estudam, trabalham, consomem, ou seja, realizam as atividades cotidianas e, portanto, desenvolvem suas relações sociais, afetivas e de solidariedade – de ajuda e colaboração – ou de conflitos. Essas relações fazem com que os lugares sejam diferentes, mesmo que tenham paisagens muito parecidas.

Vale lembrar que na metodologia Kozel (2007) de decodificação dos mapas mentais é preciso observar a forma de representação dos elementos (ícones, letras, linhas, etc.), distribuição dos elementos na imagem (de forma isolada, horizontalmente, de forma dispersa, etc.), especificidade dos ícones (elementos naturais, construídos, móveis, humanos) e outros aspectos ou particularidades.

Para a produção dos mapas mentais, os alunos receberam materiais como: folha A4, lápis de cor, giz de cera, régua, lápis preto, borracha, a partir das observações feitas nas aulas teóricas e de campo, bem como a partir da vivência deles na Aldeia.

Resultados e discussões

Após a realização de cada aula teórica e atividade de campo, bem como a produção e interpretação dos mapas mentais pelos alunos iniciou-se a análise dos mesmos, partindo-se do pressuposto que os mapas mentais se constituem numa forma de linguagem apropriada para a compreensão do espaço e suas variações e construções sociais. São representações que revelam a ideia que as pessoas têm do mundo, indo além da percepção individual e refletindo uma construção social. Para tanto, utilizou-se a metodologia proposta por Kozel (2007), baseada no princípio de que cada indivíduo tem uma visão muito particular dos lugares, auxilia a perceber o simbólico construído nas relações sociais.

Desta forma, a proposta metodológica partiu da análise das imagens tendo como parâmetro os seguintes itens: A- Quanto à forma de representação dos elementos na imagem: ícones, letras e mapas B- Quanto à distribuição da imagem: perspectiva, forma horizontal, C- Quanto à especificação dos ícones: elementos da paisagem natural, elementos da paisagem construída, elementos móveis e elementos humanos. D- Apresentação de outros aspectos ou particularidades: (mensagens - contrastes urbanos, aspectos sociais etc.).

> Os mapas sempre se constituíram a partir da percepção e representação de imagens mentais. Atualmente, vêm despertando a atenção de vários profissionais preocupados em entender os complexos aspectos do mundo atual, principalmente relacionados ao sociocultural. A geografia incorpora essa abordagem a partir do enfoque comportamental, com os mapeamentos cognitivos, passando pelo conceito de espaço vivido, em direção às representações sociais, refletindo nessa inter-relação a Geografia das Representações, que tem nos Mapas Mentais um dos seus principais aportes metodológicos (KOZEL, 2004, p. 169).

É importante destacar que os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares imaginários, “são constituídas por sujeitos históricos, reais, reproduzindo lugares reais, vividos, produzidos e construídos materialmente” (KOZEL; NOGUEIRA, 1999, p. 172).

Análise dos Mapas Mentais e sua relação com os Conteúdos trabalhados

A - Localização da escola e vegetação

Conforme argumenta Cavalcanti (2010, p. 150) "o trabalho com mapas mentais construídos pelos alunos, na escola, tem por finalidade conhecer o nível de sua consciência espacial, ou seja, entender como os alunos percebem o lugar onde vivem".

Na aula teórica em sala, observou-se que fica muito mais interessante quando há a relação entre o conteúdo apresentado e sua fixação de forma prática, ou seja, sair dos limites físicos da sala de aula propicia através dos movimentos, das interações com a espacialidade ao qual está relacionado a percepção e o contato com o espaço vivido. E como diz Kozel (2007, p. 120):

> Os diferentes tipos de espaços refletem a forma como o homem se relaciona com o seu meio, e permitem inferir que o meio se constitui elemento importante a ser considerado no que tange aos aspectos relacionados às representações gráficas.

Assim, analisando o grupo de mapas mentais (Figura 03) a luz da geografia em relação ao conteúdo proposto para os mapas mentais sobre a localização da escola e vegetação do entorno, percebe-se a representação do prédio da escola, cujo formato de Oca (arquitetura) chega a ser o bem próximo ao da realidade, ao confrontar e verificar os detalhes na Figura 02. Tal fato pode ser evidenciado na importância que a Escola representa aos alunos, corroborada pela ideia de "centro" e "periferia" na organização espacial. "Em todos os lugares, as pessoas tendem a estruturar o espaço – geográfico e cosmológico – com elas no centro a partir daí zonas concêntricas (mais ou menos bem definidas) com valores decrescentes" (TUAN, 2012, p. 49).

A vegetação predominante neste contexto é marcada por espécies do Cerrado, com suas características próprias, possuindo também árvores frutíferas, plantadas pelo homem para a sua sobrevivência e muitas vezes quando há excedentes vão ser vendidos dentro da Aldeia e também em outras localidades fora dela, mantendo um convívio com pessoas tanto de outras aldeias, como pessoas que moram nas cidades. O clima é o tropical com características bem acentuadas, calor constante e chuvas abundantes em certas épocas do ano. Devido ao calor excessivo em certos períodos do ano, alguns professores acabam dando suas aulas fora das salas de aula, embaixo dos pés de árvores que foram plantadas dentro do pátio da escola. Em relação a hidrografia da Aldeia tem a presença da lagoa que há alguns anos atrás era o que mantinha o abastecimento das

famílias que ali residiam (detalhe no canto inferior direito do mapa A, Fig. 03). Com os passar dos anos foram desmatando próxima a lagoa, retirando a vegetação nativa para o plantio de roça, para a sobrevivência, diminuindo a água da lagoa. Na época desta pesquisa, nos anos de 2017 e 2018 a lagoa se encontrava seca. Nos dias atuais o abastecimento é feito por uma caixa de água central.

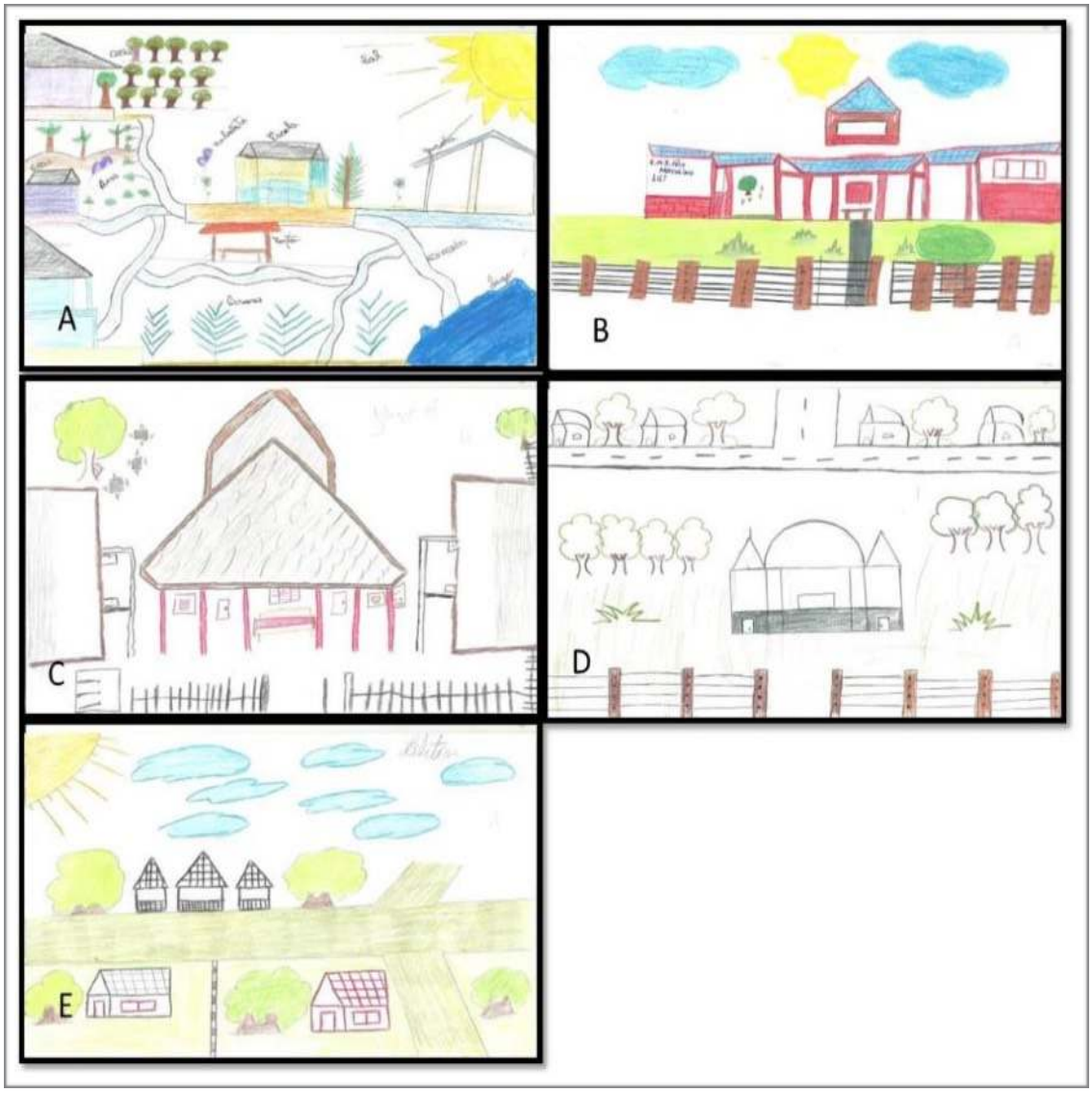

Figura 03: Mapas Mentais - Localização da Escola Indígena
Org.: Elaboração própria.

B - Mapas mentais: estudo de paisagens naturais e culturais

O segundo grupo de mapas mentais da primeira etapa (Figura 04) nos remete ao conteúdo estudado sobre paisagens naturais e paisagens culturais. Levando em conta o

local onde moram (Aldeia) e outros locais de vivência desses alunos, ou a passeio ou de repente se moraram em outras cidades. Foi dividida a folha A4 em duas partes para que eles pudessem estar desenhando as paisagens. Sendo que em uma parte construindo uma paisagem natural e na outra a paisagem cultural.



Figura 04: Mapas Mentais - Paisagem natural e cultural.
Org.: Elaboração própria.

A representação nos mapas mentais demonstra a percepção dos alunos em relação a aspectos do espaço vivido e da paisagem natural com a presença de elementos naturais como árvores (vegetação), rios, animais (jacarés, aves, peixes), bem como elementos da paisagem cultural , representados pela presença de carros, ruas, casas e um elemento que não está presente no cotidiano deles que são os prédios, mas que pode estar associado ao acesso a televisão, via satélite, de realidades de outros centros urbanos, apresentados nos livros didáticos. Dessa forma, como menciona Richter (2010, p. 116):

> Os mapas mentais dão a possibilidade do seu autor incluir elementos subjetivos que, na maioria das vezes, não estão presentes nos mapas tradicionais. Essa característica torna mais rica esta representação de próprio punho, por incluir contextos que podem ampliar a compreensão do espaço.

Nesse grupo é percebido que o tamanho dos elementos desenhados é grande, utilizando sempre figuras geométricas com formas bem variadas, linhas nem sempre retas, predominância de elementos bem coloridos. Nesta analise nota-se que há uma relação correta no sentido de que os rios nascem nas partes mais altas do relevo. Suas nascentes devem ser bem preservadas, para que suas águas formem os rios, esses que produzem uma alimentação rica para muitas pessoas que dependem dele. A vegetação nativa as margens devem ser bem preservadas para que não haja um assoreamento, ou problemas de falta de água para população em geral. Existem vários tipos de rios, como os perenes ou temporários. Muitos lugares acabam sucumbindo a pratica do turismo como forma de demonstrar a beleza que é a natureza, preservando-a e ganhando dinheiro através desta prática.

A paisagem cultural se mostra predominante quando se verifica os altos prédios que podem ser prédios comerciais ou de moradias. Muitas pessoas vão para os grandes centros em busca de uma vida melhor. Não podendo alugar ou comprar uma casa acabam indo morar em locais proibidos, como encostas de morros ou muito próximo aos rios. Esse processo acaba gerando grandes transtornos quando há a ocorrência de muita chuva, como desmoronamento dos morros ou de viadutos, transbordamento de córregos e rios entre outros.

Assim, os saberes geográficos possibilitam conhecer o mundo através da "paisagem (o que se vê), do lugar (o que se sente e com o que a pessoa se identifica) e do território (referências significativas para os povos e indivíduos, para conviver, trabalhar, e produzir a sua cultura) " (BRASIL, 2005, p. 226). Os povos indígenas necessitam de

espaços na educação escolar dos quais participam a comunidade e todo o seu entorno. Só assim podem assegurar a tradição e o modo de ser indígena.

C - Mapas mentais: organização do quintal do aluno

No que refere à organização do quintal onde os alunos vivem (espaço vivido), observou-se que não existe só a casa do aluno no quintal, existem também a casa da tia ou de avó (A). Os filhos quando casam acabam construindo no mesmo quintal por ter um espaço maior e acabam sendo separados por uma cerca, mesmo sendo da mesma família. Utilizaram algumas cores bem vivas, figuras geométricas diferenciadas. Utilizaram a folha A4 mais na horizontal para melhor representar o espaço (Figura 05).

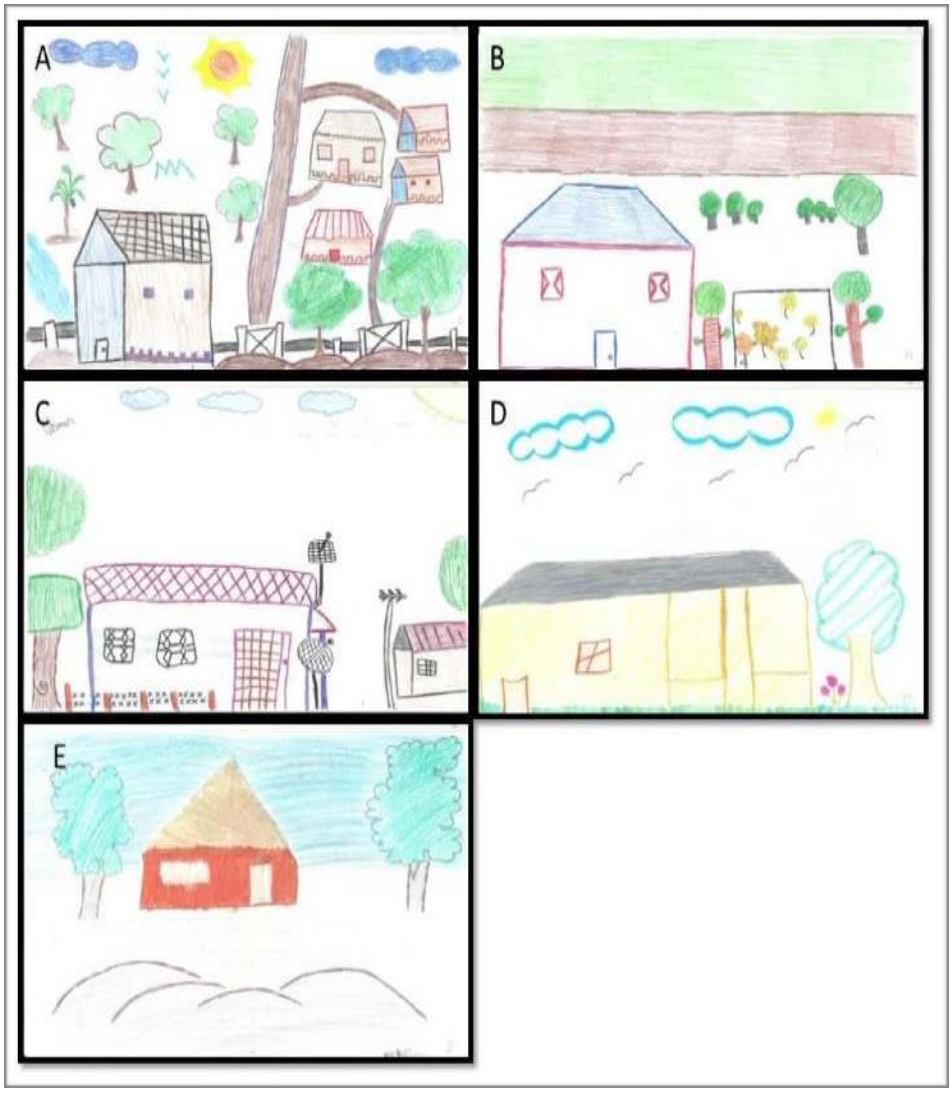

Figura 05: Mapas Mentais - Organização do espaço onde moro.
Org.: Elaboração própria.

Conforme argumenta Richter (2010, p. 116) sobre a valorização dos mapas mentais:

> A necessidade de valorizarmos esse tipo de representação do mapa, mais flexível e mais integrado ao processo de mudanças que ocorrem na sociedade, se justifica pelo fato de esta concepção nos permite formar indivíduos capazes de compreender o mapa para além do processo de cópia. A ideia é tornarmos o mapa um meio de linguagem que contribua na expressão e interpretação do cotidiano.

Neste grupo de mapas mentais é possível perceber que as condições socioeconômicas aparentam ser melhores, uma vez que as casas são grandes com varandas e para demonstrar a sua cultura fazem desenhos Terena nelas. Em relação aos meios de comunicações possuem celular, internet, antena parabólica, TV, carros ou motos.

Como salienta Lucci e Branco (2015, p. 16) "as variadas formas de organização social e espacial das sociedades em geral não são determinadas somente pelas condições naturais. O que determina essa diversidade são as relações que ocorrem entre os grupos sociais ao longo da história". A comunidade indígena por si só é simples. Procuram manter a sua cultura através da língua materna, das danças, comidas típicas. Mas que também estão se abrindo para outros horizontes, através da educação.

Na busca constante para um melhor aprimoramento nas intenções de cativar o aluno para que o mesmo olhe para a disciplina de Geografia com uma visão de que ela faz parte do cotidiano de vivência dele desde o momento em que nasce, entendeu-se que essa primeira parte do trabalho foi bastante produtiva, primeiro, pela pesquisadora ministrar aulas nesta turma de 6º Ano, segundo, trazendo uma metodologia de mapas mentais capaz de suprir a necessidade de um olhar diferente a disciplina em questão e o empenho dos alunos na compreensão dos conteúdos estudados.

Resende (1994, p. 101-102) propõe uma escola alternativa que se articule com outros momentos da vida das aldeias, "constituindo-se em espaço a um só tempo de resistência e de apropriação de saber. Seus conteúdos e metodologias devem estar, por isso mesmo, em íntima conexão com o movimento mais amplo das nações indígenas pela sua afirmação político-cultural". Ao falar sobre os saberes e representações geográficas na educação escolar indígena, percebeu-se que há evidências de uma leitura do cotidiano a partir dos registros demonstrados nos três grupos de mapas mentais.

Para a educação escolar indígena seja, de fato, parte de uma escola alternativa deve conter a criatividade e o momento cultural da comunidade indígena com uma visão

crítica sobre a invasão cultural da sociedade envolvente. Como bem acentua Resende (2002, p. 113), “Não cabe a nós, educadores "brancos", decidirmos unilateralmente o que e como ensinar nas escolas indígenas, nem de que modo estas escolas devem ser organizadas”.

É consenso que a escola indígena de qualidade só ocorrerá se à sua frente estiverem, como professores e como gestores, professores indígenas, pertencentes às suas respectivas comunidades. “Somente na medida em que os povos indígenas tiverem acesso à escolarização, apropriando-se tanto nos aspectos gerenciais quanto nos aspectos pedagógicos, é que ela será de fato uma escola indígena” (AMARAL, 2014, p. 17).

Para isso, além de ter professores indígenas a sua frente, é preciso que toda a comunidade participe de seu cotidiano, de modo que ela possa estar a serviço de seus interesses e projetos comuns, dando respostas às demandas por elas formuladas e colaborando para os diferentes processos de autonomia cultural e de cidadania indígena almejados pelos povos indígenas.

Considerações finais

Após o desenvolvimento do trabalho e análise dos resultados, percebe-se que a metodologia proposta favoreceu um aprendizado mais significativo aos alunos participantes no processo, como forma de comunicação e valorização dos saberes e ao mesmo tempo modo de vida dos escolares indígenas. Foi possível, ainda, testar e oferecer, enquanto professor meios para oportunizar aos alunos espaços para construção de conceitos, habilidades e procedimentos de forma a melhorar as condições de aprendizagem no contexto da educação escolar indígena.

A relação com os alunos indígenas sempre foi muito respeitosa. Com a metodologia dos mapas mentais observou-se que os mesmos conseguiram compreender de forma clara os conteúdos de Geografia, passando para o papel o entendimento do assunto tratado e ainda descreveram oralmente o que foi feito por eles.

A metodologia proposta para este trabalho, num primeiro momento foi abordada somente com alunos do 6º Ano para verificar como eles poderiam aprender os conteúdos de forma mais prática e significativa. Mas ela pode ser referendada para os anos seguintes e também para outras disciplinas, onde o aluno tenha uma dificuldade de aprendizagem, ou como forma de promover a interação entre os colegas da sala de aula.

Em conformidade com todas as atividades desenvolvidas no trabalho, demonstrou-nos o quanto é valido e prazeroso para os professores (indígenas e não indígenas) que desejam e almejam conquistar seus alunos, através do conhecimento, integrando formas metodológicas já existentes independente do contexto de vida de cada aluno. Através dos mapas mentais como metodologia, compreendeu-se que a geografia pode ser estudada de maneira mais flexível e atraente para nossos alunos, deixando-os livres para representar da maneira que sentem e vivem o espaço onde moram, e até mesmo buscando no seu inconsciente respostas às suas próprias indagações.

Dessa forma, a ideia de valorizar a subjetividade indígena proposta no trabalho, pautou-se na valorização da sua performance enquanto ator/autor da sua história, um ator social como agente consciente, interpretativo e subjetivo. Essa visão valoriza a cultura de um povo com seus valores, mas o foco principal está na prática, na interação desses atores que produzem cultura a todo momento. Entende-se que há muito a se fazer e aprofundar discussão sobre os rumos da política nacional de educação escolar indígena, assumindo postura mais propositiva no reconhecimento das diferenças e do respeito às experiências em relação ao tema.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, David Luiz Rodrigues. **Mapas mentais para o ensino da Geografia**: práticas e reflexões em uma escola de Campina Grande. João Pessoa, UFPB, 2015.

AMARAL, Gustavo Gurgel do. O ensino de Geografia para as populações indígenas. In: **Anais** do V NEER – As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em Geografia, 2014.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DALLA ZEN, Maria Isabel H.; XAVIER, Maria Luisa (orgs.). **Povos indígenas & educação**. 2ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2012.

BEUREN, Elisabete Penz. **Formação de professores de Geografia à luz das metodologias ativas de ensino:** desenvolvendo projetos interdisciplinares na Educação Básica. Univates – Centro Universitário Univates – Programa de Pós-graduação Stricto Senso – Mestrado em Ensino. Lajeado, 2017.

BONIN, Iara Tatiana. Educação escolar indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor. In: BERGAMASCHI, M.A.; DALLA ZEN, M.I.H.; XAVIER, M.L.M. F. (orgs.) **Povos indígenas e educação**. 2 edição. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 33-48.

CAVALCANTI, Lana Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2010.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**: a geografia. Tradução Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

GREGORIO, Eliezer Cece. **Megaleque Fluvial do Aquidauana e sua mudanças ambientais no quaternário, borda sudeste do Pantanal Mato-Grossense**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana, 2016.

KOZEL, Salete; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. In: **Revista do Departamento de Geografia**, n. 3, p. 239-257. FFLCH/USP. São Paulo, 1999.

KOZEL, Salete. Das "velhas certezas" a (re)significação do geográfico. In: SILVA, A.A.D.; GALENO, A. (orgs.). **Geografia ciência do complexus:** ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KOZEL, Salete. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In Kozel, S. [et al] (orgs.). **Da percepção e cognição a representação:** reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007. p.114-138.

MAGALHÃES, Gledson Bezerra; LADIM NETO, Francisco Otávio. A geografia e a educação indígena: uma análise dos documentos normativos. **Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas**, v.3, n. 5, p 82-87, jan./jun., 2013. Disponível em: http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/73 Acesso em 02 de junho de 2020.

MEIRA, Francieli de Oliveira. **O ensino da Geografia nas escolas indígenas de Nioaque/MS.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, 2016.

MORAES, Jerusa Vilhena; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Metodologias Ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista eletrônica de enseñanza de las ciencias,** vol. 17, n. 2, p. 422-436, 2018.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib.; PAGANELLI, Tomoko Iyda.; CACETE, Núria Hangley. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 292 - 319

RESENDE, Márcia Spyer. Somos Iguais e Diferentes. In: **Periferias:** exercícios na fronteira do ensino. Belo Horizonte: UFMG, 1994. p. 76-83.

RESENDE, Márcia Spyer. A geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino. **Coleção Educação Popular**, n. 05. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

RESENDE, Márcia Spyer. **Garimpos nas terras Indígenas de Rondônia**. Boa Vista: SEE/RO, 2002.

RICHTER, Denis. **O mapa mental no ensino se geografia**: concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

RICHTER, Denis. **Raciocínio Geográfico e mapas mentais**: a leitura espacial do cotidiano por alunos do ensino médio. Tese de Doutorado. Unesp: Presidente Prudente, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teóricos e metodológicos**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, Jose Otavio Catafesto. Reconhecimento oficial da autonomia e da sabedoria dos agentes originários e reorientação do projeto (inter)nacional brasileiro. In: BERGAMASCHI, M.A.; DALLA ZEN, M.I.H.; XAVIER, M.L.M.F. (orgs.). **Povos indígenas e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 17-31.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

VARGAS, Icleia Albuquerque. Territorialidades e representações dos terenas da terra indígena Buriti (MS): possibilidades didático-pedagógica. In: SERPA, A. (org.). **Espaços culturais:** vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 91-115.

Recebido em 13 de maio de 2019.

Aceito para publicação em 08 de junho de 2020.